



POESIA E FILOSOFIA EM RICHARD RORTY

POETRY AND PHILOSOPHY IN RICHARD RORTY

**Bruno Henrique Alvarenga
Souza***

* alvarengabruno6@gmail.com
Doutorando em Estudos Literários pela UFMG. Mestre em Estudos
Literários pela UFMG. Graduado em Psicologia Clínica pela PUC-MG.

RESUMO: Este artigo tem por objetivo fazer a exposição crítica do pensamento do filósofo americano Richard Rorty no que tange à sua concepção da poesia e sua relação com a filosofia, evidenciando através dos paradigmas filosófico e literário também sua ideia de indivíduo. O corpus textual analisado aqui é basicamente composto por quatro ensaios, nos quais Rorty abordou de forma direta o problema da poesia; são estes: "A contingência da identidade"; "A filosofia como um gênero transitório"; "Pragmatismo e Romantismo"; e "The fire of life". Tentamos demonstrar e estabelecer a progressão da teorização de Rorty sobre o tema, não se apegando estritamente à linha cronológica dos textos, embora, o comentário ao último ensaio publicado em vida por Rorty, "The fire of life", devido à natureza testamentária e sintética deste, encerre o trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Rorty, Pragmatismo, Poesia

ABSTRACT: This text aims at critically exposing the thoughts of American philosopher Richard Rorty in regard to his concepts of poetry and its relation to philosophy, evidencing through some philosophical and literary paradigms his idea of an individual. The textual corpus analyzed in here is basically composed of four papers, in which Rorty straightforwardly approached the matter of poetry; being them: "The contingency of selfhood"; "The philosophy as a transient genus"; "Pragmatism and Romantism"; e "The fire of life". We attempted to demonstrate the progression of Rorty's theorization about this subject, not following strictly the chronological order of the papers, even though the comment on the last published in life by Rorty, "The Fire of Life", due to its testamentary and synthetic nature, closes the essay.

KEYWORDS: Rorty, Pragmatism, Poetry.

O pensamento de Richard Rorty tem por característica a beligerância. O modo contundente com que se opõe à certa tradição filosófica – aquela da transcendência e da representação – dá mostras de um projeto que se constrói a partir de confrontos com adversários bem definidos. Mas, da mesma maneira, o *modus operandi* utilizado na construção de sua filosofia combativa também indica que a formação de alianças com outros pensadores e campos do pensamento, como a ciência e a arte, é o único modo de se conquistar a vitória sobre o inimigo. Tais alianças são fabricadas de modo pouco usual: não por meio de laços de fidelidade ou de confiança cega; Rorty recruta seus irmãos de armas é por meio da coerção e do sequestro. Suas leituras de outros pensadores, sejam estes artistas, cientistas ou filósofos, são criticadas pela ausência de rigor e precisão em relação ao projeto e ao próprio texto do outro. Daí o rebuliço causado por suas interpretações de Kant e Descartes em *A filosofia e o espelho da natureza*, por exemplo (Cf. RAMBERG, 2007, p. 19). No entanto, essa aparente irresponsabilidade intelectual de Rorty é fruto de uma profunda coerência com sua filosofia, que afirma incessantemente: não há “verdade”; portanto, não há também interpretação única ou “correta”¹. É o perspectivismo derridiano levado às últimas consequências.

A “Verdade”, inimigo principal de Rorty, é aquilo que ele define como a crença de que “há um ponto terminal para

o questionamento, uma maneira como as coisas realmente são” (RORTY, 2009, p. 156). Questionar a existência dessa Verdade não é afirmar que o conhecimento é impossível, mas sim que ele não é único nem final: a cada questão respondida, diversas outras surgirão, levando *ad infinitum* o processo de maturação tanto do ser-humano quanto da sociedade na qual ele se insere. No entanto, aqueles que creem na “verdade redentora” creem “que existe algo que está para a vida humana como as partículas elementares estão para os quatro elementos – algo que é a realidade além da aparência, a única descrição verdadeira do que está acontecendo” (RORTY, 2009, p. 157). À transcendência e representação, paradigmas que orientaram toda a filosofia desde Platão até Hegel, Rorty opõe uma concepção pragmatista e histórica que se aproxima do progressismo e, inegavelmente, de um relativismo radical. Não é de espantar que, na luta contra a “Verdade”, a poesia apareça como principal força criativa, sendo alçada ao mais alto posto hierárquico na concepção de pensamento de Rorty. Afinal, Platão expulsou o poeta da República justamente por ele estar afastado em terceiro grau da Ideia, da Essência, da Verdade.

Rorty elabora seu argumento em prol da poesia utilizando-se de uma concepção linear da história. Segundo ele, o pensamento da civilização ocidental avançou por três estágios: o primeiro, foi o paradigma da Religião, onde o homem

1. Rorty bebe muito da fonte desconstrucionista idealizada por Jacques Derrida. Cf. RORTY. “Filosofia como um gênero de escrita: um ensaio sobre Derrida” In: *Consequências do pragmatismo*, 1999.

depositava em Deus suas esperanças de redenção; o segundo, o paradigma da Filosofia, que substituiu gradativamente a Religião a partir do renascimento, caracterizado pela esperança humana relegada à Verdade, ao conhecimento do Real como ele de fato é; o terceiro, que corresponde historicamente à contemporaneidade e emergente após Kant e Hegel, é o paradigma da literatura, no qual a transcendência de Deus e da Verdade é suplantada em prol da imanência das relações humanas.

A Religião, antes que a influência filosófica inspirasse seus dogmas, baseava-se numa relação com o não-humano sem a mediação de um credo. Assim o culto e a fé do crente independiam da argumentação que sustenta a ideia de crença verdadeira. A partir do momento em que a filosofia passou a orientar o discurso religioso, a concepção de uma verdade única que serviria de orientação e destino à toda humanidade consequentemente se impôs, resultando, *a posteriori*, no advento da própria filosofia como paradigma dominante, quando “Sócrates sugeriu que nosso próprio autoconhecimento era um conhecimento de Deus – que não tínhamos necessidade de ajuda de uma pessoa não humana, porque a verdade já se encontrava dentro de nós” (RORTY, 2009, p. 161). A filosofia baseia-se na construção de grandes sistemas universalizantes, metafísicas e epistemologias que têm por pretensão fornecer um fundamento sólido e imutável,

contínuo e à prova de revoluções. A Verdade da filosofia se coloca além da contingência; sua ambição é não apenas justificar racionalmente o real como forjar um dogma absoluto que sirva de orientação para cada indivíduo. A literatura vai surgir justamente para questionar essa possibilidade de universalização, levando em conta a multiplicidade de seres humanos: “a literatura começou a se constituir como rival da filosofia quando pessoas como Cervantes e Shakespeare começaram a suspeitar que os seres humanos eram, ou deveriam ser, tão diversos que não havia sentido pretender que todos eles levassem uma única verdade em seu íntimo” (RORTY, 2009, p. 161). Religião e filosofia são estágios de um processo de maturação que culmina na cultura literária. Rara Rorty, ambas são meramente gêneros literários, o que as torna opcionais para o intelectual de hoje, assim como alguém pode escolher entre ler mais romances que poemas. A literatura, ao colocar a diversidade humana como referência única, torna obsoleta a pretensão de fundamento presente tanto na Religião quanto na Filosofia.

A posição de Rorty, como fica claro, é antifilosófica. No entanto, cabe esclarecer aqui qual exatamente é essa filosofia com a qual ele não compactua. Na história da filosofia, duas grandes correntes de pensamento se contrapõem devido a uma incompatibilidade, literalmente, fundamental. Desde Platão até Hegel, prevaleceu no pensamento filosófico a

crença de que um fundamento último é necessário para que a filosofia se constitua como saber básico, passível de ter acesso ao conhecimento, ao ser e ao agir. Dessa forma, grandes sistemas metafísicos e epistemológicos foram constituídos das maneiras mais diversas pelos mais diversos filósofos, o que faz com que essa corrente, conhecida como fundacionalista, abrigue em seu âmago nomes e teorias tão incompatíveis quanto Platão e Aristóteles, Agostinho e Tomás de Aquino, Descartes e Espinosa, Fichte e Hegel. Ora, é esse fundamento último que Rorty denomina Verdade. Contudo, a partir de Nietzsche, para quem a busca por fundamento representa uma defesa covarde diante do caos da realidade, o fundacionalismo vai ser colocado em questão, também através de uma frente heterogênea de pensadores, como Heidegger (que questiona a noção de “metafísica” dada a eventualidade do ser), Wittgenstein (contestador da epistemologia por conceber um fundo injustificado de hábitos mentais que permite o conhecimento), Gadamer (que em sua hermenêutica se opõe ao historicismo romântico) e Popper (para quem a ciência funciona utilizando de hipóteses que podem ser falsificadas e são impassíveis de confirmação definitiva), dentre outros (Cf. ABBAGNANO, 2014, p. 550). Rorty vai se juntar a este último grupo, propondo a literatura como uma forma superior de abordagem da vida em relação à filosofia. Portanto, a filosofia de Rorty é paradoxalmente antifilosófica, de acordo com sua própria definição da

disciplina, a qual se confunde com o fundacionalismo. No entanto, ele não ignora o desafio de fazer a crítica da filosofia utilizando de sua própria linguagem:

Os pragmatistas continuam a tentar encontrar maneiras de extrair conclusões antifilosóficas em linguagem não-filosófica. Porque enfrentam um dilema: se a sua linguagem for demasiado não-filosófica, demasiado literária, serão acusados de mudar de assunto; se for demasiado filosófica, incorporará hipóteses platônicas que tornarão impossível ao pragmatista exprimir a conclusão que deseja alcançar (RORTY, 1999, p. 14).

Para Rorty, os pensadores que escapam à busca por fundamento, que não acreditam em uma Verdade redentora – colocados no saco que os detratores estamparam de “pós-moderno” – são antes poetas que filósofos. Eles abandonaram a pretensão infrutífera de chegar a uma natureza última das coisas e perceberam que a imaginação é o que delimita as fronteiras do pensamento. A imaginação é fonte da linguagem, e o pensamento é impossível sem a linguagem. O acesso à realidade não linguística é inexecutável; a insistência da filosofia em conceber um conhecimento além da linguagem fez com que um aglomerado de ideias errôneas se formasse sobre o conceito de Razão. Para Rorty, a razão é uma prática social, “a prática de aplicar normas

sociais na utilização de sinais e ruídos, tornando possível, com isso, utilizar palavras em lugar de pancadas como uma maneira de fazer com que as coisas sejam feitas. Ser racional é simplesmente se conformar a essas normas” (RORTY, 2009, p. 182). É a imaginação, e não a razão, que possui a capacidade de mudar as práticas sociais, encontrando novas utilizações para a linguagem. A importância do paradigma literário para o progresso humano encontra-se justamente na prioridade dada à imaginação como instrumento mediador da existência: “a grande virtude da cultura literária é que ela diz aos jovens intelectuais que a única fonte de redenção é a imaginação humana, e que este fato deveria causar orgulho em vez de desespero” (RORTY, 2009, p. 164). No entanto, faz-se necessário que a novidade criada pela imaginação encontre respaldo da sociedade, já que sem o reconhecimento do outro, a melhor das ideias pode tornar-se fantasia. O gênio muitas vezes se depara com tal impasse: por estar à frente de seu tempo, acaba por aparecer como louco aos olhos de alguns de seus contemporâneos. Com essa apologia à imaginação, Rorty vai conectar sua filosofia pragmática ao romantismo. Mesclando William James, Ralph Waldo Emerson e Nietzsche, Rorty substitui, em termos de prioridade, a Razão pela Imaginação, estabelecendo os indivíduos de gênio como aqueles que ditam as regras e forjam os modelos a serem seguidos pelo restante da humanidade:

A imaginação, no sentido em que estou tentando usar o termo, não é uma capacidade distintivamente humana. Ela é, como já disse antes, uma aptidão para sugerir novidades socialmente úteis. Essa é uma aptidão que Newton compartilhava com certos castores ávidos e engenhosos. Mas dar e pedir razões é distintivamente humano, e é coextensivo à racionalidade. Quanto mais um organismo consegue obter o que quer pela persuasão, em vez da força, mais racional ele é. Ulisses, por exemplo, era mais racional que Aquiles. Mas não se pode usar persuasão se não se pode falar. Sem imaginação, não há linguagem. Sem mudança linguística, não há progresso moral ou intelectual. A racionalidade é uma questão de realizar movimentos permitidos em jogos de linguagem. A imaginação cria os jogos que a razão passa a jogar. Então, seguindo o exemplo de pessoas como Platão e Newton, ela continua a modificar esses jogos de maneira que jogá-los se torne mais interessante e lucrativo. A razão não pode sair do último círculo traçado pela imaginação. Nesse sentido, a segunda tem prioridade sobre a primeira (RORTY, 2009, p. 195).

Impossível ler esse trecho sem pensar na proliferação de “Fake News” no mundo em que vivemos. A prioridade que Rorty dá à imaginação sobre a razão, ainda que de alguma maneira ele as associe, não acaba por relativizar esta última, levando a efeitos catastróficos? Testemunhamos com frequência,

hoje, a insurgência de “narrativas” que submetem a razão à imaginação, resultando em crenças como o terraplanismo e os antivacinas. Ao se aproximar do romantismo, inevitavelmente Rorty acerca-se do humanismo. As bases de seu pensamento derivam do pragmatismo-humanista de F.C.S Schiller, que já se apoiava no antigo axioma de Protágoras: “o homem é a medida de todas as coisas”, relativizando o conhecimento em relação à realidade humana e social (Cf. ABBAGNANO, 2014, p. 21); sua radicalidade repousa, porém, na concepção de um humanismo altamente antropocêntrico, que exclui Deus e a Verdade como referências, mas relega ao homem a responsabilidade de ocupar esses lugares vazios. Da mesma forma, não haveria uma relação do individualismo em tempos de capitalismo tardio com o humanismo contemporâneo de Rorty?

Rorty parece vislumbrar a saída para essas questões na poesia. A relação da individualidade com a criação e o lugar superior da poesia em oposição à filosofia irão convergir no texto “The contingency of selfhood”, presente em *Contingência, ironia e solidariedade*. A partir do poema “Continuing to live”, de Philip Larkin, Rorty estabelece um diálogo com Harold Bloom, Nietzsche e Freud com o objetivo de demonstrar como a figura do poeta é o paradigma da autocriação e da conquista da liberdade frente à contingência. O poema de Larkin, em sua reflexão sobre a morte, torna-se também

uma reflexão sobre o anseio de originalidade com o qual todo criador se depara, não apenas em sua obra, mas também em sua existência como sujeito.

O poema de Larkin sugere uma forma de desembrulhar o que ele temia. O que ele teme que se extinga é seu rol de carga [*lading-list*] idiossincrático, sua compreensão individual do que foi possível e importante. Era isso que tornava seu eu diferente de todos os outros eus. Perder essa diferença, presumo, é o que teme qualquer poeta – qualquer criador, qualquer um que tenha esperança em criar algo novo. Quem passa a vida tentando formular uma resposta nova para a questão do que é possível e importante teme a extinção dessa resposta (RORTY, 2007, p. 58).

Rorty atribui ao poeta² a capacidade de se rebelar contra a existência genérica, medíocre, massificada e redundante em que a maioria de nós se encontra. Autocriando-se o poeta se autoconhece sem que haja a necessidade de uma justificativa universal para a existência, adaptando-se à contingência ao invés de tentar ultrapassá-la. Ao contrário, o filósofo e o cientista, em suas buscas pela essência verdadeira da vida humana, pretendem chegar à universalização da experiência humana através da superação da contingência:

2. Neste texto e praticamente em todo seu trabalho, o termo “poeta” é utilizado por Rorty em sentido amplo, como demonstra ao comentar uma passagem de Harold Bloom: “Presumo que Bloom se dispusesse a estender a referência ao ‘poeta’ para além dos que escrevem poesia, e a usá-la no sentido lato e genérico em que a utilizo – de tal modo que Proust e Nabokov, Newton e Darwin, Hegel e Heidegger também se enquadrem nesse termo” (RORTY, 2007, p. 59). Mais tarde, em seu último ensaio publicado antes de falecer, *The fire of life*, Rorty promoverá uma distinção entre poesia e prosa, portanto, entre poetas e outros autores. Exploraremos este ensaio mais à frente.

Só os poetas, suspeitava Nietzsche, podem verdadeiramente apreciar a contingência. O restante de nós está fadado a continuar a ser filósofo, a insistir em que de fato só existe um rol de carga verdadeiro, uma descrição verdadeira da situação humana, um contexto universal de nossas vidas. Estamos fadados a passar nossa vida consciente tentando fugir da contingência, em vez de, como poeta forte, reconhecermos a contingência e nos apropriarmos dela (RORTY, 2007, p. 65).

Rorty parece retomar por conta própria o velho conceito do gênio romântico, aquele indivíduo capaz de criar o novo e se autoafirmar frente às circunstâncias históricas e condições sociais, por mais adversas que sejam. Para ele, o indivíduo deve ser capaz de dizer “eu quis assim” para o passado, construindo para si e para sua comunidade uma narrativa de autossuperação que perpassa a criação de uma nova linguagem. O poeta é tomado como arquétipo, podemos dizer, não de homem, mas de super-homem: ele é o *Übermensch* nietzschiano. Na leitura que faz de Freud, porém, Rorty relativiza o poeta-forte super-humano, distinguindo na teoria psicanalítica a capacidade de “desdivinizar o eu” ao mesmo tempo em que coloca o particular como única referência moral possível. Arrancar o homem do jugo de uma natureza divina é arrancá-lo também da necessidade de uma verdade universal que o oriente. Cada um se torna a própria

autoridade, na medida em que é responsável pela relação que nutre com o passado:

Ele [Freud] nos ensinou a interpretar o que fazemos ou pensamos fazer em termos, por exemplo, de nossa reação passada a certas figuras de autoridade, ou em termos de constelações de comportamentos que nos foram impingidas na primeira infância. Sugeriu que enalteçamos a nós mesmos, tecendo narrativas idiossincráticas – relatos de casos, por assim dizer – de nosso sucesso na autocriação, de nossa capacidade de nos libertarmos de um passado idiossincrático. Freud sugere que devemos nos condenar se falharmos em nossa tentativa de nos libertarmos desse passado, e não por não conseguirmos ficar à altura de padrões universais (RORTY, 2007, p. 74).

Essa concepção de responsabilidade frente ao passado e da necessidade de se afirmar em relação a ele traz ecos do existencialismo, onde um dos motes era a frase atribuída a Sartre: “não importa o que fizeram de mim, mas o que eu faço do que fizeram de mim”³. Como no existencialismo, a liberdade pregada por Rorty consiste na constatação de que a existência do homem precede sua essência⁴, portanto, autocriar-se é ser o poeta da própria vida. A contribuição principal de Freud é justamente ter relegado a cada um de nós a potência de um inconsciente criativo, ou seja, ter

3. Tradução nossa do original: “*L’important n’est pas ce qu’on a fait de moi; mais ce que je fais moi-même de ce qu’on a fait de moi*”.

3. Cf. Sartre. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução Virgílio Ferreira. São Paulo: Abril cultural, 1978.

tornado todo sujeito um virtual poeta, ao menos em potência. Qualquer atividade humana é passível de uma abordagem criativa que se apropria da contingência e a transforma, inclusive a própria construção do eu. Mesmo quando o ser se depara com o não-linguístico, o não-humano, aquilo que ele não pode se apropriar e transformar, a autocriação ainda tem a capacidade de tornar-nos conscientes da incapacidade de encontrar externamente a resposta para aquilo que não podemos controlar:

A vitória final da poesia em sua antiga luta com a filosofia – a vitória final das metáforas da autocriação sobre as metáforas da descoberta – consistiria em nos reconciliarmos com a ideia de que esse é o único tipo de poder que podemos ter esperança de exercer sobre o mundo. É que essa seria a abjuração final da ideia de que a verdade, e não só o poder e a dor, pode ser encontrada “lá fora” (RORTY, 2007, p. 84).

A relativização da figura do super-homem poeta também passa pela leitura de Harold Bloom. Para Rorty, Bloom opera com o poeta o mesmo tipo de desmistificação que Freud realiza com o ‘eu’. O poema e o poeta são projetos finitos, emaranhados nas redes de contingências que abarcam tanto os mestres precursores do passado quanto os leitores potenciais do futuro. Nem o criador nem sua obra sobrevive como fato uniforme e completamente presente no tempo.

Resta então ao poeta resignar-se à condição de vinculação ao outro que ele leu e ao outro que o lê.

Por mais que a leitura de Freud possibilite a abertura da potência criativa para todo ser humano, e a visão de Bloom desmistifique o poeta e a poesia, subjaz nas colocações de Rorty ainda uma hierarquização que alça a poesia ao mais alto valor de uma escala que não leva em demasiada conta as esferas práticas, políticas e sociais da vida humana, além de tornar o poeta (ou intelectual ou gênio) como único capaz de, se não de criar metáforas, de projetá-las coletivamente e contribuir de forma efetiva na criação de novos paradigmas. O homem comum, mesmo tornando-se criativo em sua própria esfera individual, ainda é subjugado à sombra de grandes mestres, seres de maior valor intrínseco para a sociedade. É o que fica claro quando, ao distinguir a “fantasia” da “poesia”, estabelecendo como critério a primeira não ter valor coletivo, Rorty limitar aos poetas, filósofos, cientistas a capacidade de engendrar o progresso humano. Para Rorty, a efetiva atuação no mundo é tarefa de grandes gênios, não de forças coletivas. É determinante que em sua hierarquia de valores a religião e a filosofia, formas de conhecimento que operam de forma mais “comunitária” que a poesia, sendo que se constituem de fiéis e seguidores de escolas, estejam localizadas abaixo da atividade mais individualizada do poeta genial, aquele que tem por

maior anseio o rompimento com a tradição. Analisando os últimos versos do poema de Larkin,

E qual é a vantagem? Apenas que, com o tempo,
 Como que se identifica a marca cega
 Exibida por toda conduta nossa, rastreia-se-lhe a origem.
 Mas confessar,
 Na tenra noite em que começa nossa morte,
 Justo qual foi ela, eis o que não chega a satisfazer,
 Pois se aplicou a um só homem, uma vez,
 E esse homem agonizava (LARKIN *apud* RORTY,
 2007, p. 57).

Rorty irá afirmar que o poeta estaria falsificando sua intenção, pois duvida “que algum poeta possa seriamente julgar trivial o seu sucesso em levantar a origem da marca cega impressa em todas as suas condutas – em todos os seus poemas anteriores” (RORTY, 2007, p. 59). Parece-nos, no entanto, que o poeta está constatando de fato o fracasso da empreitada individualista, e que de nada adianta uma autocriação que não se conecte ao coletivo, aos outros homens.

Em seu último texto publicado em vida, Rorty reflete de maneira bastante pessoal sobre a relação entre filosofia e poesia, afirmando de maneira testamentária a base de seu pensamento sobre o tema. O sugestivo nome do ensaio é

The fire of life. Nele, o autor repensa o uso amplo que fizera do termo “poesia” em seus textos anteriores, distinguindo de maneira categórica, algo que não fizera até então, a poesia da prosa. Diagnosticado com um câncer terminal e questionado por pessoas próximas se a religião ou a filosofia lhe oferecem conforto em relação à morte iminente, Rorty vai afirmar que apenas os versos da poesia o apaziguam. Na poesia o uso diferenciado da linguagem, formulada através de ritmos e melodia, proporciona uma contundência em relação ao tema da morte que é inalcançável pela prosa. Rorty chega a dizer que “comparada às investidas forjadas por versificadores, mesmo a melhor prosa é um tiro falho”⁵ (RORTY, 2007a). Isso não quer dizer que a poesia alcance uma verdade inacessível à prosa e à filosofia, já que não há verdade; a questão é que a riqueza linguística que lhe é intrínseca reflete a riqueza humana da própria cultura que a produz. O ser humano atravessado pela poesia torna-se mais humanizado: “culturas com vocabulários mais ricos são mais integralmente humanas – mais distantes das bestas – que aquelas mais empobrecidas; indivíduos homens e mulheres são mais integralmente humanos quando suas memórias são amplamente preenchidas por versos”⁶ (RORTY, 2007a).

Em sua última reflexão sobre a poesia, Rorty mantém a elevação em que a colocou ao longo de toda sua carreira. Não podemos concordar com sua afirmação de que a poesia nos

5. Tradução nossa do original: “*Compared to the shaped charges contrived by versifiers, even the best prose is scattershot*”.

6. Tradução nossa do original: “*Cultures with richer vocabularies are more fully human—farther removed from the beasts—than those with poorer ones; individual men and women are more fully human when their memories are amply stocked with verses*”.

torne menos ou mais humanos. Theodor Adorno questionava a própria possibilidade da feitura de poesia após Auschwitz, Roberto Bolaño escreveu uma novela, *Estrela distante*, em que um assassino e torturador era também poeta; inclinamo-nos a considerar tais questionamentos mais argutos que a visão de Rorty. A poesia não é redentora, da mesma forma como a religião e filosofia não o são. No entanto, o pensamento de Richard Rorty, ao questionar de maneira contundente as bases transcendentais nas quais se funda o mundo ocidental e ao inverter a hierarquia que sobrepuja a razão à imaginação, dá mostras de que a poesia pode servir de ferramenta – ainda que apenas mais uma dentro da caixa – para auxiliar na construção, não só de nós mesmos, mas também do mundo à nossa volta.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Coordenação de Alfredo Bosi, Tradução de Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

RAMBERG, Bjorn. Richard Rorty, In: **The Stanford Encyclopaedia of Philosophy**. Tradução de Leonel Coutinho Afonso. Versão traduzida encontrada em: <http://www.fafich.ufmg.br/~margutti/Richard%20Rorty%20Stanford> Acessado em 28/11/2017.

RORTY, Richard. **Consequências do pragmatismo**. Tradução de João Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

_____. **Contingência, ironia e solidariedade**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. The fire of life. **Poetry magazine**, 2007a. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poetrymagazine/articles/68949/the-fire-of-life> Acessado em: 05/12/2017.

_____. A filosofia como um gênero transitório, In: **Filosofia como política cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. Pragmatismo e Romantismo, In: **Filosofia como política cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Recebido em: 26/11/2019

Aceito em: 15/03/2020